

Dr. James S. Spiegel, Ética Cristã, Sessão 2, Relativismo Ético

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James S. Spiegel em seu ensinamento sobre Ética Cristã. Esta é a sessão 2, Relativismo Ético.

Olá, vamos começar nossa análise das principais teorias morais.

O que faremos é começar com uma olhada no relativismo ético. O que eu quero fazer é primeiro estabelecer que existe algo como verdade moral e que valores morais têm valores de verdade objetivos. Ao fazer isso, quero criticar essa visão, que é conhecida como Relativismo Ético.

Depois de fazermos isso, começaremos a olhar para as principais teorias morais, que são de natureza objetivista ou que afirmam a realidade da verdade moral. Então, olharemos para o Relativismo Ético com a ajuda de algum material que extraí do livro clássico contemporâneo de James Rachel sobre ética chamado *The Elements of Moral Philosophy*. Este livro é, na verdade, o livro mais vendido na história da filosofia.

Acho que está na nona ou décima edição. E tem sido usado em tantas salas de aula e cursos de ética em faculdades. É por isso que vendeu mais que livros como *A República de Platão* e *Ética a Nicômaco* de Aristóteles.

Então, vou me basear um pouco na discussão de Rachel sobre Relativismo Ético. E é interessante que o próprio Rachel era ateu. Ele morreu há cinco, dez anos, então acho que ele não é mais ateu.

Mas ele era ateu, mas ainda estava convencido de que existe algo como verdade moral. Ele rejeitou o relativismo. Na verdade, a esmagadora maioria dos filósofos, mesmo que sejam ateus ou agnósticos, acredita em algum tipo de verdade moral absoluta, o que é interessante notar.

Há muito poucos relativistas entre filósofos e PhDs em ética. Então isso diz algo sobre o relativismo ético e sua plausibilidade, mesmo que os ateus tendam a rejeitar essa visão. Então, o que é Relativismo Ético? Em termos gerais, o relativismo é uma visão de que não há valores morais absolutos que se apliquem em todos os momentos e em todos os lugares.

Agora, pode haver. Há, de fato, muitos valores que são relativos. Há todo tipo de práticas que diríamos que são relativas à correção ou incorreção de uma cultura específica e suas tradições, e assim por diante. Mas o Relativismo Ético diz que todos

os valores são completamente relativos a uma cultura ou às preferências individuais de alguém.

Então, há uma importante distinção dupla entre diferentes tipos de relativismo. Há relativistas culturais e subjetivistas morais. Essas são as duas formas de relativismo.

Então, o relativista cultural diz que os valores morais são sempre definidos por uma cultura e suas tradições ou seus costumes e costumes. O subjetivista moral relativiza cada indivíduo, e é uma questão de preferência individual se uma determinada coisa é certa ou errada. Então, vamos começar olhando para o Relativismo Cultural.

Agora, essa é uma visão que realmente ganhou destaque no início e meados do século XX, em grande parte por causa dos avanços que foram feitos na antropologia cultural. Acadêmicos como Sumner e Benedict, Ruth Benedict e outros que estavam estudando de perto grupos de pessoas de diferentes partes do mundo descobriram que a maneira como eles se comportavam ou os valores que eles tinham em muitos casos eram muito diferentes das práticas e valores que temos aqui na América do Norte ou nos Estados Unidos. Isso levou muitos acadêmicos a considerar a possibilidade de que talvez existam diferentes maneiras certas e aceitáveis de se comportar, mesmo quando se trata das coisas que mais prezamos, como nossas visões sobre casamento e matança e como tratamos nossos filhos.

Algumas das nossas crenças mais fundamentais são que há pessoas em outras culturas que têm visões muito diferentes e vivem suas vidas de maneiras muito diferentes. Então isso provocou um tipo de ceticismo para muitas pessoas que, hmm, talvez não haja uma verdade absoluta aqui. Então, uma maneira de analisar o que uma teoria moral particular afirma, em última análise, é perguntar como eles definiriam ou traduziriam uma declaração como X é bom ou X é ruim ou errado.

O que realmente significa isso? Aqui, nos aprofundamos em algo chamado metaética, que analisa a lógica e o significado de termos, conceitos e declarações morais. Então, faremos uma pequena análise metaética de cada uma dessas teorias, começando com o relativismo cultural. O que o relativista cultural acha que estamos realmente dizendo quando chamamos algo de bom ou ruim ou certo ou errado ou justo ou injusto? O relativista cultural diz que uma declaração como X é bom significa que se X é coerente ou se encaixa nos costumes dessa cultura.

Quando dizemos que algo é ruim, é apenas uma maneira de dizer que isso contradiz os costumes dessa cultura ou as formas recebidas e preferidas de fazer as coisas. Então, se eu disser a um convidado que ele não deve arrotar na mesa ou se eu disser ao meu filho para não arrotar na mesa. Isso é errado.

Não faça isso. Isso é ruim. O que isso significa é que isso é algo que não fazemos aqui.

Preferimos que você não arrote na mesa ou expulse gases flatulentos na mesa. Muito rude, e podemos dizer que isso é ruim ou ruim, é algo errado de se fazer. Há muitas outras coisas que reconheceríamos como preferências culturais.

Certamente, arrotar em algumas culturas é considerado um sinal de gratidão ou apreciação por uma boa refeição. Então, certamente há relatividade aí. E poderíamos dizer isso sobre modos de se vestir e dançar.

Certamente, estilos artísticos. A maneira como configuramos as coisas em termos de leis de trânsito. Todos os tipos de pequenos detalhes de comportamento público são relativos a uma cultura.

E quando você vai visitar outro país, você descobre isso. Há certas maneiras de pegar uma carona, por exemplo, que são praticadas em diferentes culturas que diferem. Você sabe que tendemos a fazer isso.

Não que eu seja um caroneiro, mas as pessoas que pegam carona, sabe, ficam na beira da estrada e fazem isso. Na verdade, não é tão amplamente praticado como costumava ser. Mas costumava ser a maneira de fazer.

Coloque o polegar para cima assim. Aprendi alguns anos atrás que se você fizer isso em certos países da Europa, as pessoas ficarão horrorizadas. Por quê? Porque isso é basicamente solicitar pessoas para sexo, certo? Esse gesto de polegar para cima é vulgar por esse motivo.

Então, há relatividade aí. Eu disse bem, então, como você pega uma carona? Como você indica aos motoristas que você gostaria de pegar uma carona para algum lugar? Eles dizem bem, você faz assim. Você pega seu dedo indicador e aponta para baixo.

Então, eu disse bem, é bom saber se eu precisar pegar carona na Europa. Então certamente há relatividade que se aplica a todos os tipos de domínios do comportamento humano, certo? Mas a questão é, todo comportamento humano é culturalmente relativo? É tudo como arrotar na mesa ou um gesto de mão para pegar carona? É tudo uma questão de preferência cultural? O relativista cultural diz que sim. O absolutista moral ou objetivista diz que não.

Existem certos valores universais que são universalmente verdadeiros para todos. Certas coisas que são absolutamente erradas, não importa onde ou quando você as faça. Existem certas outras coisas que são absolutamente boas e certas, não importa onde e quando você as faça.

Então, o que dizemos ao relativista cultural? Como podemos responder? Bem, primeiro, vamos considerar o argumento. O principal argumento que os relativistas

culturais usam em defesa de sua visão. Rachel o chama de argumento das diferenças culturais.

E se você encontrar alguém que é um relativista cultural e perguntar a ele por uma razão para sua visão, por que ele tem a visão que tem, esse é o argumento que ele provavelmente lhe dará. Alguma versão do argumento das diferenças culturais diz primeiro que diferentes culturas têm diferentes códigos morais. Que há uma variedade de códigos morais entre culturas.

E então, tipicamente, eles vão direto dali para a conclusão de que não há verdade objetiva na moralidade. E muitas vezes, isso é expresso com uma pergunta. Sabe, como você pode dizer que há apenas uma maneira certa de viver quando pessoas em outras culturas fazem isso de forma muito diferente da sua? Como você pode dizer isso? Isso é meio que, eu acho, uma abordagem socrática.

Apenas colocando o argumento na forma de uma pergunta. A suposição é que você é tolo em dizer isso. Que ninguém em sua consciência diria que há apenas uma maneira correta de se conduzir sexualmente, por exemplo.

Ou em termos de como devemos tratar pessoas que estão morrendo, que estão com dores excruciantes. Quem é você para dizer que há apenas uma maneira certa de abordar essa situação? Ou uma maneira certa de abordar a questão do aborto? E assim por diante. Então, o argumento das diferenças culturais basicamente se move da pluralidade de crenças e valores para a conclusão de que não há um valor correto ou verdadeiro quando se trata de qualquer questão moral específica.

Agora, o que dizemos sobre isso? De um ponto de vista lógico, esse argumento tem uma falha muito básica. E é que pluralidade não implica relatividade. Uma pluralidade de visões sobre qualquer coisa não implica que não haja uma visão verdadeira.

Só porque as pessoas discordam sobre um assunto, não significa que não haja uma verdade única sobre esse assunto. Considere a astronomia. Na história da astronomia, voltando aos antigos filósofos pré-socráticos, houve uma variedade de visões.

Três visões principais. Uma é a teoria da Terra plana, que afirma que a Terra é plana e pode ser cercada por água. Sobre o que ela repousa? O que é a Terra, sobre o que ela é fundada? Você sabe, houve, houve e provavelmente ainda há uma série de teorias que os terraplanistas propõem lá.

Mas a ideia de que a Terra é plana é uma posição que tem sido mantida por muitas pessoas ao longo da história. Outra visão é a visão geocêntrica, que é a de que a Terra está flutuando no espaço e é orbitada pelo sol, assim como pelos vários

planetas e estrelas. Então, a terceira visão, a visão que eu mantenho e presumivelmente você mantém, é a visão heliocentrista .

E essa é a visão de que a Terra é um dos vários planetas que orbitam o Sol. E o Sol está no centro do nosso sistema solar. Essas visões não são compatíveis umas com as outras.

Você não pode ser um heliocentrista e um geocentrista ao mesmo tempo ou afirmar a terra plana e o geocentrismo ao mesmo tempo. Você realmente tem que escolher. Mas há uma variedade de visões aí.

Até hoje, em várias culturas, e até mesmo nesta, há pessoas que são geocentristas e também terraplanistas. Na verdade, a teoria da Terra plana, eu notei, fez um pequeno retorno. E há alguns atletas e artistas proeminentes que são, na verdade, teóricos da Terra plana hoje.

Você pode ver adesivos de para-choque. Talvez você tenha visto o adesivo de para-choque que diz, uma vez que você fica plano, você nunca mais volta. Há pessoas que parecem ser altamente inteligentes, até mesmo bem conhecidas nesta cultura, que são teóricas da terra plana.

Agora, isso significa que, portanto, não há verdade no assunto quando se trata de astronomia e da posição da Terra em relação a todos esses corpos celestes? Veja, você tem os terraplanistas, os geocentristas e os heliocentristas . Quem pode dizer, quem é você para dizer, que o sol está no centro do nosso sistema solar e a Terra está girando em torno do sol? Quem é você para dizer? Como você responderia a essa pergunta? Espero que você diga, bem, eu sou um pouco educado sobre essa teoria. Eu entendo física básica e astronomia.

E eu entendo que esmagadoramente, de fato, eu assumo uma certa unanimidade entre cientistas que são especialistas em astronomia e cosmologia, que podem demonstrar empiricamente que este é o caso, que o heliocentrismo é verdadeiro. Com todo o devido respeito aos terraplanistas, com todo o devido respeito aos geocentristas , há uma verdade da questão que é baseada em boas razões e evidências que refutam sua visão. Então nós reconhecemos isso sobre astronomia.

Reconhecemos que só porque há uma pluralidade de visões, não se segue disso que não haja uma verdade. Então, acho que essa é uma analogia importante aqui e algo que podemos dizer aos relativistas culturais quando eles recuam e insistem que a variedade de visões na ética implica que não há verdade. Não chegamos a essa conclusão em astronomia.

Por que deveríamos dizer isso aqui? Bem, é aqui que os relativistas culturais expandem e fortalecem seu argumento ao adicionar uma premissa de que,

diferentemente da ciência, não há um método confiável para determinar a verdade objetiva e a moralidade. Temos recursos, tecnologia e ciência para determinar a verdade sobre astronomia, biologia, química e assim por diante. Não temos isso aqui.

Portanto, é por essa razão que podemos concluir que não há verdade objetiva e moralidade. Então essa é uma versão um pouco expandida e fortalecida desse argumento das diferenças culturais . O que devemos dizer sobre isso agora? Certamente, há uma diferença, não há, entre a descoberta da verdade na ciência e a descoberta da verdade na ética ?

Talvez eles estejam certos. Talvez não haja um método como o que há na ciência para descobrir a verdade moral. Bem, em resposta a essa versão melhorada do argumento das diferenças culturais , podemos notar que o argumento ainda é inválido.

Um argumento válido é aquele em que as premissas implicam a verdade da conclusão. Se as premissas são verdadeiras, a conclusão também deve ser verdadeira. Essa é a definição de um argumento válido.

Mas observe, quando se trata do argumento das diferenças culturais , mesmo nesta versão revisada dele, a conclusão não se segue. Se admitirmos que diferentes culturas têm diferentes códigos morais, e elas têm, e admitirmos que não há um método confiável para determinar a verdade objetiva e a moralidade, e vamos, por uma questão de argumentação, admitir isso, segue-se que não há verdade objetiva na moralidade? Bem, não, não há. E, novamente, podemos recorrer à história da ciência para provar isso.

Em, digamos, o século VII ou o século XII d.C., havia um método confiável para verificar a verdade na astronomia com relação ao lugar da Terra no cosmos? Não, não havia. Você não tinha, nós não tínhamos telescópios realmente poderosos, ou telescópios suficientemente poderosos até o início do período moderno. E os meios de explorar o universo eram muito limitados, você sabe, digamos, 1.500 anos atrás, de modo que conclusões definitivas não podiam ser tiradas sobre essa questão.

Então, não havia um método confiável para determinar a verdade da questão sobre o lugar da Terra no cosmos todos aqueles anos atrás. Mas, não era ainda o caso de que a Terra estava girando em torno do Sol, girando em seu eixo, certo, girando em torno do Sol, junto com todos esses outros planetas, mesmo que não tivéssemos um método confiável para determinar a verdade? Bem, sim, era. Então, você ainda pode ter a verdade objetiva, neste caso, na ciência, mesmo quando não temos um método confiável para determinar essa verdade.

Então essa é uma distinção importante. Ela mostra que esse argumento é inválido. Mas então podemos acrescentar que há um método confiável para averiguar a verdade moral.

Podemos consultar a razão, a experiência humana e, se é que existe tal coisa, uma revelação especial de Deus, que, como cristãos, acreditamos ser exatamente o que as escrituras são. O texto divinamente inspirado nos guia, especialmente no reino da ética, a respeito de como devemos viver diante de Deus, bem como nos comunica verdades metafísicas sobre a natureza última da realidade, a natureza de Deus, bem como verdades históricas. Mas com a assistência da revelação especial, os livros do Antigo e Novo Testamento, e aplicando a razão e a experiência cuidadosamente a esses textos, podemos chegar a conclusões bem justificadas sobre como devemos viver nossas vidas.

Então é isso que podemos dizer em resposta ao melhor argumento do relativista cultural, que é o argumento das diferenças culturais. Isso é o melhor que se pode obter para o relativismo cultural e sua defesa. Então, esse argumento falha.

Mas agora, nossa crítica ao relativismo cultural pode ir ainda mais longe, e isso é notar que há muitas consequências muito problemáticas do relativismo cultural. E eu acho que essas são as principais razões pelas quais você teria dificuldade em encontrar um filósofo ateu que seja um relativista cultural porque esses problemas são tão severos. E porque, como CS Lewis observa nas páginas iniciais de sua obra clássica, Cristianismo Puro e Simples, ninguém realmente se comporta como um relativista cultural ou como qualquer tipo de relativista.

Nós responsabilizamos as pessoas por seus erros. Ninguém é relativista enquanto dirige. Alguém te corta na estrada, certo? Você vai fazer algum tipo de julgamento moral, mesmo que seja só para si mesmo.

Ele não deveria ter feito isso. Ele me cortou. Isso foi errado.

Ou aprendemos sobre o que certas pessoas estão fazendo em outra cultura distante. Dizemos, nossa, eles fazem isso? Isso é horrível. Isso é injusto.

Isso viola os direitos humanos, certo? Até mesmo ateus hardcore dirão isso de vez em quando. E isso revela que eles não são realmente relativistas. Eles acreditam em absolutos morais.

Então aqui estão algumas razões filosóficas para rejeitar o relativismo cultural. E uma delas é que ele torna impossível a crítica dos valores de outras sociedades. Se você é um relativista cultural, não pode criticar o que os nazistas fizeram.

Você não pode criticar o que qualquer grupo de pessoas genocidas fez em outra cultura. Essa é uma cultura diferente. De acordo com o relativismo cultural, o certo e o errado são definidos pelos valores preferidos da cultura particular de alguém.

Estou falando de uma cultura americana no século 21. Quem sou eu para julgar o que os nazistas fizeram há 70 ou 80 anos? Essa é a conclusão que você tem que tirar como um relativista cultural. Você não pode condenar os nazistas.

Você não pode condenar nem mesmo as ações mais sanguinárias e genocidas de regimes em outras culturas. Isso também torna o progresso moral impossível. Se você é um relativista cultural, então não há um padrão absoluto de acordo com o qual podemos avaliar ou julgar o progresso ou regredir moralmente.

Se você acredita que nossa cultura está melhorando, então deve haver algum tipo de padrão fora de nossa cultura que transcende nossa cultura, de acordo com o qual podemos avaliar os méritos relativos, melhorias ou degeneração dos valores de nossa cultura. Toda a noção de progresso moral pressupõe algum tipo de padrão transcendente absoluto para a bondade moral. Conectado a isso está uma implicação adicional do relativismo cultural.

O relativismo cultural implica que todos os reformadores morais são corruptos. Por quê? Reformadores morais, como Martin Luther King, desafiaram certos aspectos dos costumes e valores culturais atuais. Martin Luther King desafiou corretamente as leis de Jim Crow porque elas eram racistas.

Embora essas leis fossem consistentes com alguns costumes predominantes nessa cultura, ele reconheceu que elas estavam erradas. Ele fez campanha e protestou contra elas e prevaleceu. Nós o consideramos um herói e alguém que é um bom reformador moral.

Mas se o relativismo cultural for verdade, você não pode fazer isso. Se os únicos padrões que temos para avaliar comportamentos ou reformadores morais são os valores culturais atuais, então, por definição, o que Martin Luther King estava fazendo era errado. Ele estava desafiando os costumes culturais.

Se você acredita que Martin Luther King foi um bom reformador moral e até mesmo um herói moral, então isso mostra que você não é um relativista cultural. Você acredita em absolutos morais. Martin Luther King fez esse mesmo argumento em vários de seus escritos e discursos de que há alguma lei moral superior que ele diria que vem de Deus, está expressa no ser de Deus de alguma forma, de acordo com a qual podemos avaliar nossas leis atuais.

Ele estava corretamente confiante de que, naquela época, estávamos praticando algumas coisas imorais com essas leis de Jim Crow. Então, ele era um herói moral. Ele não era corrupto.

A única maneira de entendermos que ele é um herói moral é acreditando em absolutos morais e rejeitando o relativismo cultural. Então, podemos juntar tudo isso e oferecer um tipo de redução ao argumento do absurdo contra o relativismo cultural. Se assumirmos que o relativismo cultural é verdadeiro, então temos que concluir que os nazistas não estavam absolutamente errados.

Temos que concluir que nem todos os reformadores morais são corruptos, e temos que concluir que nenhum progresso moral é possível. No entanto, qualquer pessoa com senso moral comum reconheceria todas essas implicações como inaceitáveis. Os nazistas estavam absolutamente errados.

O progresso moral é possível, mas nem todos os reformadores morais são corruptos. Então, isso implica que a suposição aqui de que o relativismo cultural é verdadeiro deve ser falsa. Qualquer coisa que implique absurdos ou quaisquer falsidades deve ser falsa.

Então esse é um tipo de argumento *reductio ad absurdum* contra o relativismo cultural. Ok, chega de relativismo cultural. Vamos falar sobre a outra forma de relativismo, que é o subjetivismo moral.

Um dos problemas com o relativismo cultural é distinguir quando uma cultura começa e outra termina. Em que ponto minha cultura atual desaparece em outra cultura? Podemos falar sobre cultura europeia ou cultura francesa em oposição à cultura americana, em oposição à cultura alemã ou cultura sueca. Diferentes nações têm diferentes culturas, mas dentro de uma cultura ou nação em particular, você tem subculturas.

Nos Estados Unidos, eu fiz uma viagem para o Texas, que é uma subcultura um pouco diferente de Indiana. Eu estive na Califórnia, Oregon, Costa Leste e todos esses estados diferentes. As subculturas são um pouco diferentes.

Eu moro em Indiana. Percebi que há uma cultura um pouco diferente no norte de Indiana do que no sul de Indiana, que é um pouco mais como Kentucky. O norte de Indiana é um pouco mais como Michigan.

O desenho de linha é impossível ou infinito. Então, o que conta como uma cultura? Essa é uma questão aberta e difícil. Se vamos entender corretamente o relativismo cultural, temos uma tarefa enorme em mãos.

Provavelmente é impossível. A única linha clara que você pode traçar, ao que parece, é entre pessoas individuais. É claro onde eu termino e você começa.

Isso é deixar de lado o problema dos gêmeos siameses. Isso torna a distinção entre pessoas individuais ainda mais difícil. Mas, na maioria das vezes, pessoas individuais são distinguidas em termos de onde um corpo começa e outro termina.

Então, você tem seus valores, e eu tenho os meus. O subjetivista moral diz que essa é a solução. Cada pessoa individual tem seus próprios valores morais particulares.

Então, eles definem o que é certo para eles. Você define o que é certo para você. Eu defino o que é certo para mim.

Fazemos isso em termos de preferência individual. Pronto. Essa é a melhor análise da verdade moral.

É relativo a cada pessoa individual. Então, nessa visão, de acordo com o subjetivista moral, X é bom, o que significa que significa apenas que eu gosto de X. X é ruim, o que significa que eu não gosto disso. É certamente assim que julgamos as coisas quando se trata de comida.

Eu digo, ah, couve de Bruxelas é ruim. Sorvete é bom. O que eu quero dizer com isso? Bem, eu não gosto de couve de Bruxelas.

E eu gosto de sorvete. Agora, tem gente que gosta de couve de Bruxelas. E para elas, eu digo, bem, é bom para elas.

Não gosto disso. Ruim para mim. Então, o subjetivista moral está dizendo que é assim também no reino moral.

Se você gosta, então é bom para você. Se você não gosta, então é ruim para você. Agora, isso é algo muito fácil de determinar, então.

Uma das vantagens do subjetivismo moral é que ele torna a determinação do certo do errado bem fácil. Então, eutanásia, guerra, pena de morte, aborto. O que há de certo e errado com essas questões em particular? Você apenas se pergunta, eu gosto da ideia de, digamos, fazer guerra a um país por este ou aquele motivo? Sim.

Certo. Bem, então, está certo. Aborto sob demanda.

Eu gosto disso ou não? Claro. Certo. Então está bom.

Está certo. Você apenas se pergunta: eu gosto disso? E essa é a resposta para o está certo ou errado. Então, subjetivistas morais superam certos problemas que assolam

o relativismo cultural, mas há certos problemas que permanecem. Um dos grandes é que ele não fornece bases ou fundamentos para dever moral, obrigação e direitos, nos quais a maioria de nós pelo menos diz acreditar, que existe algo como direitos humanos e que temos obrigações.

Mas como você pode dar sentido a isso a partir da visão subjetivista? Que possível fundamento ou fundamento você poderia ter para obrigação nessa visão? Outra consequência interessante do subjetivismo moral é que ele torna desacordos morais impossíveis. Novamente, se há um paralelo entre julgamentos morais e julgamentos de gosto sobre comida, então fica claro que você não pode realmente ter um desacordo substantivo em ética mais do que podemos, você sabe, ter um desacordo sobre se couves- de-bruxelas têm um gosto bom. Você gosta do gosto de couves -de-bruxelas , eu as acho nojentas.

Nós discutiríamos sobre isso? Quão tolo seria discutir ou debater se couve de Bruxelas tem um gosto bom? Isso não nos levaria a lugar nenhum porque entendemos que é apenas uma questão de gosto. Então, isso entra no reino moral para o subjetivista ser consistente; eles teriam que dizer que o debate moral é absurdo, sem sentido e uma perda de tempo. Por que debater a questão do aborto quando é apenas uma questão de você gostar e eu não gostar? Por que debater se é ok criar animais em fazendas industriais? Você não gosta , eu gosto.

É como sorvete, como couve de Bruxelas . Então, não podemos ter nenhuma discordância moral real de acordo com o subjetivismo moral. Essa é a implicação aqui.

Mas essa é uma implicação problemática da visão deles porque o senso comum moral nos diz que desacordos reais acontecem na ética. Que esses desacordos que temos são reais e que vale a pena debatê-los. Então, esse é outro problema com o subjetivismo moral.

Outra implicação absurda dessa visão é que se o subjetivismo for verdadeiro, então não podemos condenar ou elogiar nada absolutamente. Por quê? Porque, novamente, estamos apenas descrevendo nossos sentimentos e nossas preferências. E isso inclui o Holocausto nazista.

Isso inclui qualquer comportamento genocida em qualquer lugar. Isso inclui até torturar bebês ou estupro e assassinato. Posso não gostar dessas coisas.

Eu posso ficar enjoado com esses comportamentos. Mas se outra pessoa gosta disso, então, como subjetivista, tenho que dizer, bem, então isso é certo para ela. E espero que o absurdo disso esteja claro.

Finalmente, uma segunda implicação absurda do subjetivismo moral é que não podemos estar enganados sobre nossos julgamentos morais. Se o subjetivismo for verdadeiro, então, enquanto você estiver em contato com seus próprios sentimentos e ciente de quais são suas próprias preferências, então você sabe a verdade moral sobre qualquer questão em particular. Você não pode estar enganado.

E, novamente, isso contradiz o senso comum moral. Eu já tive uma posição diferente sobre a questão do aborto. Muitos anos atrás, eu era pró-escolha sobre essa questão.

Conforme aprendi mais sobre isso, minha visão mudou. E me tornei moralmente e politicamente pró-vida na questão do aborto. Agora, minha visão mudou.

O senso comum moral nos diz que minha visão estava errada e então eu mudei minha visão para a visão correta ou vice-versa. Talvez eu tivesse a visão correta, mas atualmente tenho a visão errada. Mas essa visão em particular, entendendo que eu estava enganado antes ou estou enganado agora, você não pode entender isso na visão subjetivista, o que implica que você nunca está enganado, mesmo que mude a sua de um dia para o outro.

Mesmo que em todos os dias ímpares você seja pró-vida, e em todos os dias pares você seja pró-escolha. Você está certo em todos esses dias, desde que essa seja sua preferência naquele dia. E se isso não é absurdo, é difícil dizer o que mais poderia ser.

Então, podemos estar enganados sobre nossos julgamentos morais. Isso também refuta o subjetivismo moral. Então, o subjetivismo moral realmente não é um avanço no relativismo cultural.

É tão problemático, talvez até mais. E essas são as duas formas de relativismo ético, relativismo cultural e subjetivismo moral. Então, espero que agora tenhamos refutado essas duas visões relativistas.

O relativismo geralmente não funciona, e precisamos, portanto, descobrir, se pudermos, alguma teoria moral objetivista ou absolutista que faça sentido de nossas intuições morais sobre todas essas questões, que faça sentido do conceito de dever, direitos e justiça, que dê uma base adequada para essas coisas, que faça sentido de nossa intuição e crença de senso comum de que o desacordo moral é real, e também, uma teoria satisfatória nos permitirá reconhecer que às vezes culturas ou grupos ou regimes estrangeiros e culturas estrangeiras fazem coisas imoralmente mesmo quando suas visões são as predominantes dentro de uma cultura. Precisamos de uma teoria moral que leve em conta todas essas crenças de senso comum sobre moralidade. E é isso que nos levará à nossa pesquisa das principais teorias morais, que faremos a seguir.

Este é o Dr. James S. Spiegel em seu ensinamento sobre Ética Cristã. Esta é a sessão 2, Relativismo Ético.